

A Cidade Sem Nome

H. P. Lovecraft

Quando me aproximei da cidade sem nome, compreendi que era amaldiçoada. Viajando à luz da lua, por uma vale ressequido e terrível, eu a via elevar-se sinistramente à distância por sobre as areias, como as partes de um cadáver se elevam sobre um túmulo malfeito. O medo ganhava voz nas pedras imemoriais daquele encanecido sobrevivente do dilúvio, daquele bisavô da mais antiga das pirâmides; e uma aura invisível me repelia, ordenando que eu recuasse frente aos segredos funestos que nenhum homem deveria ver e que nenhum homem jamais ousara ver.

Longínqua, entre os desertos da Arábia, jaz a cidade sem nome, ruínosa e muda, seus muros baixos quase escondidos sob as areias de eras incontáveis. E já deviam estar assim antes que as primeiras pedras de Mênfis fossem assentadas e antes mesmo que os tijolos da Babilônia fossem cozidos. Não há lenda velha o bastante para lhe dar um nome ou para recordar que ela já esteve viva alguma vez; mas fala-se dela aos sussurros em volta das fogueiras, ou anciãs murmuram a seu respeito nas tendas dos sheikhs, de modo que todas as tribos a evitam sem sequer saberem por quê. Foi com esse lugar que Abdul Al-Hazred, o poeta louco, sonhou certa noite, antes de cantar o seu inexplicável dístico:

*Morto não é quem pode eterno se fazer,
E com estranhos éons pode a morte morrer.*

Não era difícil perceber que os árabes tinham boas

razões para evitar a cidade sem nome, a cidade de que se falava em estranhas narrativas, mas que jamais fora vista por nenhum homem vivo; e mesmo assim os desafiei, penetrando com meu camelo na desolação intocada. Somente eu a tinha visto, e eis por que nenhuma outra face exhibe sulcos de medo tão assustadores quanto a minha; e eis por que nenhum outro homem estremece tão horrivelmente quando o vento noturno chacoalha as janelas. Quando me deparei com ela na quietude fantasmagórica de um sono interminável, ela me olhou, arrepiadora, sob os raios de uma lua fria, em pleno coração do deserto. E, quando devolvi o olhar, esqueci meu triunfo por a ter encontrado e estaquei com meu camelo, para esperar pela aurora.

Durante horas esperei, até que o leste se tornou cinzento e as estrelas desapareceram, e o cinza então se converteu em um brilho róseo, debruado de ouro. Ouvi um lamento e vi uma tempestade de areia se movendo em meio às pedras antigas, muito embora o céu fosse claro e estivessem quietas as vastidões do deserto. Então, de súbito, por sobre a fímbria remota do deserto, emergiu a lâmina ofuscante do sol, vista através da pequena tempestade de areia que foi se desfazendo; e no meu estado febril imaginei que dessa mesma profundidade distante provinha um estrondo metálico de sons musicais, para saudar o disco feroz, tal como Memnon o saúda a partir das margens do Nilo. Meus ouvidos zumbiram, e minha imaginação ferveu quando conduzi lentamente meu camelo através da areia, rumo àquele lugar silencioso, àquele lugar que eu somente, entre todos os vivos, tinha visto.

Indo e vindo por entre as fundações disformes das

casas e dos lugares, pus-me a perambular, sem deparar jamais com uma inscrição sequer que me falasse desses homens — se homens foram — que construíram tal cidade e nela habitaram há tanto tempo. A antiguidade do sítio era mórbida, e eu ansiava por encontrar algum sinal ou indício que provasse que a cidade fora, de fato, criada pela humanidade. Havia certas proporções e dimensões nas ruínas de que não gostei. Trazendo comigo diversas ferramentas, escavei entre as paredes dos edifícios obliterados; mas o progresso era lento, e nada de significativo se revelou. Quando a noite e a lua retornaram, senti um vento gelado que renovou o medo, de modo que não me atrevi a permanecer na cidade. E, quando fui me retirando de entre as paredes, para dormir, uma pequena tempestade de areia, com um suspiro, se ajuntou atrás de mim, soprando por cima das pedras cinzentas, embora a lua estivesse clara e o deserto quase inteiramente quieto.

Acordei ao amanhecer, despertando de uma sequência de sonhos horríveis, e com meus ouvidos a ressoar como se ao som de alguma fanfarra metálica. Vi o sol despontar, avermelhado, através dos últimos haustos de uma pequena tempestade de areia que pairava sobre a cidade sem nome, e reparei na quietude do resto da paisagem. Mais uma vez me aventurei através das ruínas ameaçadoras cujas formas despontavam sob a areia, tal como um ogro sob um lençol, e novamente cavei, embalde, à procura de relíquias da raça esquecida. Ao meio-dia descansei, e à tarde passei longo tempo seguindo o traçado das paredes e das ruas há muito desaparecidas, bem como os contornos dos edifícios desfeitos. Percebi que a cidade fora de fato poderosa, e

tentei imaginar quais teriam sido as fontes de sua grandeza. Para mim mesmo, debuxei mentalmente todos os esplendores de uma era tão distante que a própria Caldeia não poderia recordá-la; e pensei em Sarnath, a Condenada, que já se elevava no país de Mnar quando a humanidade era ainda jovem, e em Ib, que fora esculpida em pedra cinzenta antes mesmo de existir a humanidade.

Subitamente, deparei-me com um lugar onde o leito de pedra emergia escuro através da areia e formava uma espécie de penhasco baixo; e aí avistei, com prazer, o que me pareceu ser a promessa de outros traços mais evidentes do povo antediluviano. Rudemente escavadas na face do penhasco, viam-se as fachadas de várias casas ou templos de pedra, pequenos e baixos, cujos interiores poderiam conter muitos segredos de eras remotas para além de todo cálculo, conquanto as tempestades de areia tivessem desmanchado há muito quaisquer relevos que pudesse ter havido do lado de fora.

As aberturas mais próximas eram baixas e estavam entupidas de areia, mas consegui desobstruir uma delas com minha pá e me arrastei para dentro, levando uma tocha para ver que mistérios poderia conter. Dentro, vi que a caverna era de fato um templo e descobri sinais claros da raça que teria vivido e cultuado ali muito antes que o deserto fosse um deserto. Altares primitivos, pilares e nichos — todos estranhamente baixos — abundavam; e, embora eu não visse esculturas ou murais, havia muitas pedras esquisitas, em forma evidente de símbolos feitos por meios artificiais. A diminuta altura da câmara escavada era deveras intrigante, por quanto eu mal podia me erguer sobre os joelhos; mas a área era tão extensa que meu archote

revelava apenas uma pequena parte de cada vez. Estremeci ao me aproximar de alguns dos cantos distantes, pois certos altares e pedras sugeriam ritos esquecidos de natureza terrível, repulsiva e inexplicável, e me fizeram imaginar que espécie de homens poderiam ter feito e frequentado semelhante templo. Depois que vi tudo o que o templo continha, arrastei-me de novo para fora, ávido por descobrir o que os templos tinham a mostrar.

A noite se aproximava, e no entanto as coisas tangíveis que eu tinha visto tornavam minha curiosidade mais forte que o medo, de modo que não fugi das longas sombras, desenhadas pelo luar, que haviam me perturbado quando vi pela primeira vez a cidade sem nome. Ao crepúsculo, desobstruí outra abertura e, com uma nova tocha, me arrastei para dentro, encontrando mais algumas pedras vagas e símbolos, conquanto em nada mais definidos do que os que o outro templo continha. O cômodo era igualmente baixo, porém menos extenso, terminando em uma passagem muito estreita e repleta de santuários obscuros e crípticos. Eram esses santuários que eu examinava quando os ruídos de um vento e meu camelo romperam a quietude lá fora, fazendo-me sair para ver o que poderia ter amedrontado o animal.

A lua brilhava vivamente sobre as ruínas primitivas, iluminando uma nuvem densa de areia que parecia soprada por um vento forte, mas que agora ia esmorecendo, proveniente de algum ponto junto ao penhasco adiante. Compreendi que fora esse vento gelado, a levantar as areias, que perturbara o camelo e estava prestes a levá-lo a procurar um abrigo melhor,

quando por acaso olhei para cima e vi que não havia vento sobre o penhasco. Isso me estarreceu e me fez temer novamente, mas de imediato me lembrei dos súbitos ventos locais que eu vira e ouvira antes, ao nascer e ao pôr-do-sol, e supus tratar-se de uma coisa normal. Firmei-me na idéia de que ele provinha de alguma fissura na rocha, que talvez levasse a uma caverna, e observei a areia revolta, de modo a descobrir sua fonte, percebendo rapidamente que vinha da entrada negra de um templo bem mais distante, ao sul, quase fora de visão. Lutando contra a areia sufocante, avancei em direção a esse templo, o qual, à medida que me aproximei, se me afigurou maior que os demais e exibiu uma entrada bem menos coberta de areia compactada. Eu teria entrado, se a enorme força do vento gélido não houvesse quase apagado a minha tocha. O vento jorrava loucamente através do portal escuro, suspirando de modo estarrecedor, enquanto espargia a areia e se difundia por entre as ruínas fantásticas. Logo, porém, amainou, e as areias foram se assentando mais e mais, até que tudo se aquietou novamente; mas tive a impressão de que uma presença espionava por entre as pedras espectrais da cidade, e quando olhei para a lua ela me pareceu estremecer, como se espelhada em águas inquietas. Mal posso dizer o medo que senti, porém não foi tamanho até o ponto de arrefecer a minha sede de descobertas; assim, tão logo o vento se esvaiu de todo, penetrei na câmara escura de onde ele proviera.

Esse templo, como eu supusera do lado de fora, era mais amplo do que aqueles que eu visitara antes, e era presumivelmente uma caverna natural, já que através dele sopravam ventos provenientes de alguma região

mais à frente. Aqui eu podia ficar de pé, mas via que as pedras e altares eram tão baixos quanto os dos outros templos. No teto e nas paredes encontrei pela primeira vez, como indícios da arte pictórica da raça ancestral, curiosas faixas de tinta serpenteantes que estavam quase esmorecidas ou apagadas, e em dois dos altares distingui, com uma excitação crescente, um labirinto de relevos curvilíneos e bem esculpidos. Quando ergui minha tocha, pareceu-me que a forma do teto era regular demais para ser natural, e então me perguntei sobre o que as talhadeiras de pedra pré-históricas teriam trabalhado primeiro. Sua capacidade de engenharia devia ter sido vasta.

Então, um clarão mais brilhante da chama fantástica mostrou aquela forma que eu tinha estado a procurar, que era a abertura para esses abismos remotos de onde o vento súbito havia soprado; e me senti esmorecer quando vi que se tratava de uma porta pequena e perfeitamente artificial, escavada na rocha sólida. Enfiei a tocha através dela, descobrindo um túnel escuro com um teto arqueado e baixo que se elevava por cima de vários degraus, pequenos e numerosos, que desciam. Hei de ver para sempre esses degraus nos meus sonhos, pois estava para entender o que significavam. Naquele momento, eu mal soube se devia chamá-los degraus ou simples apoios para os pés em um declive inclinadíssimo. Pensamentos loucos começaram a girar em minha mente, e as palavras e avisos dos profetas árabes pareceram flutuar através do deserto, vindo da terra que os homens conhecem, em direção à cidade sem nome, que os homens não conhecem. Não obstante, hesitei apenas por um momento, antes de avançar

através do portal e começar a descer cautelosamente através da passagem íngreme, primeiro de pé, como se em uma escada.

Apenas nos fantasmas terríveis das drogas ou do delírio é que um homem pode fazer uma descida como aquela que fiz. A passagem estreita conduzia infinitamente para baixo, tal como um poço horrivelmente assombrado, e a tocha que eu sustinha sobre minha cabeça não podia iluminar as profundezas desconhecidas para as quais eu me arrastava. Perdi a noção das horas e esqueci-me de consultar o relógio, muito embora me assustasse pensar na distância que eu já devia ter percorrido. Houve mudanças de direção e de inclinação; e por uma vez me deparei com uma passagem longa, baixa e plana, através da qual tive de me contorcer deitado sobre o piso rochoso, os pés dispostos à frente, e segurando a tocha com o braço esticado por trás da cabeça. O lugar não era alto o bastante sequer para me manter de joelhos. Depois, houve mais degraus íngremes, e eu continuava a me arrastar para baixo, interminavelmente, quando minha tocha, já esmorecida, se apagou de vez. Não creio que o tenha percebido na ocasião, pois, quando o notei, eu ainda a segurava no alto, como se estivesse acesa. Desequilibrava-me bastante aquele instinto do estranho e desconhecido que fizera de mim um nômade sobre a terra e um buscador de lugares distantes, antigos e proibidos.

Em meio à escuridão, fragmentos do meu precioso tesouro de saber demoníaco relampejaram em minha mente — frases ditas por Al-Hazred, o árabe louco, parágrafos extraídos dos pesadelos apócrifos de Damáscio, e linhas infames da delirante Image du Monde

de Gauthier, de Metz. Repetindo excertos obscuros, eu murmurava acerca de Afrasiab e das entidades que flutuaram com ele pelo Oxus; e martelava em seguida, repetidamente, uma frase dos contos de Lord Dunsany – “O negror inreverberante do abismo”.¹ Uma vez, quando a descida se tornou espantosamente íngreme, recitei um trecho ritmado de Thomas Moore, até que tive medo de continuar recitando:

*Um tanque negro de escuridão,
Como de bruxas um caldeirão
Cheio de algum veneno do luar
Que sob o eclipse foi produzido.
Medindo abaixo o fatal declive,
Por um instante então me detive
E, ao fundo, olhando, pude avistar
As faces lisas como de vidro
Ou talvez como tingidas desse
Escuro piche que jorra e desce
Do Assento da Morte à sua fria
Costa, viscosa e escorregadia.*²

O tempo tinha praticamente deixado de existir quando meus pés sentiram novamente o piso nivelado, e então me encontrei em um lugar ligeiramente mais alto do que as salas nos dois templos menores, que haviam ficado incalculavelmente acima de minha cabeça.

1. “... unreverberate blackness of the abyss”, extraído do livro *The book of wonders*, de Dunsany. (Nota de Transcrição)

2. Extraído do poema *Alciphron (Letter IV)*, de Moore (poeta irlandês, amigo de Byron e Shelley). (Nota de Transcrição)

Não que eu pudesse ficar de pé, mas podia erguer-me agora sobre os joelhos, e na escuridão me torcia e engatinhava para lá e para cá ao acaso. Logo descobri que penetrara em uma passagem estreita cujas paredes eram guarnecidas por caixões de madeira, fechados por vidros na parte anterior. A idéia de que naquele lugar paleozóico e abissal eu pudesse sentir tais coisas como madeira polida e vidro suscitava implicações que me fizeram estremecer. Os caixões estavam aparentemente dispostos ao longo de ambos os lados da passagem, a intervalos regulares, e eram oblongos e horizontais, lembrando, de modo hediondo, esquifes em seu formato e tamanho. Quando tentei mover dois ou três deles para um exame mais detido, percebi que estavam presos firmemente.

Compreendi que a passagem era longa, e então me lancei rapidamente para diante, em uma corrida desajeitada que teria parecido horrível caso algum olho pudesse ver-me naquela escuridão, cruzando-a ocasionalmente de lado a lado para inspecionar os arredores e me certificar de que as fileiras de caixas continuavam à frente. O homem está tão acostumado a pensar visualmente, que quase esqueci a escuridão e passei a imaginar o corredor interminável de madeira e vidro, em sua monotonia de arrebites, tal como se o enxergasse. E então, em um momento de indescritível emoção, eu de fato o vi.

Quando foi que minha fantasia se mesclou à visão real, não o saberei dizer; porém um brilho gradual veio se aproximando, e de repente comecei a distinguir os contornos difusos de um corredor e dos estojos, revelados por alguma fosforescência subterrânea e

desconhecida. Por um instante breve, tudo foi exatamente como eu imaginara, porquanto o brilho era bastante pálido; mas, continuando a engatinhar mecanicamente em direção à luz mais forte, compreendi que minha fantasia fora débil. Esse vestibulo não era uma relíquia da crueldade, tal como os templos na cidade lá em cima, mas um monumento da mais exótica e magnífica arte. Pinturas e desenhos ricos e vivazes, desafiadoramente fantásticos, formavam um todo contínuo de pinturas murais, cujas linhas e cores estavam além de toda descrição. Os estojos eram de uma madeira estranha e dourada, exibindo tampas de um vidro bizarro, e contendo as formas mumificadas de criaturas cujo grotesco ultrapassaria os sonhos mais caóticos de qualquer homem.

Dar uma idéia dessas monstruosidades é impossível. Assemelhavam-se à répteis, com as formas do corpo lembrando às vezes um crocodilo, às vezes uma foca, mas na maioria das vezes nada de que nem o naturalista nem o paleontólogo jamais ouviram falar. Seu tamanho era aproximadamente o de um homem pequeno, e suas patas dianteiras terminavam em pés curiosamente assemelhados à mãos e dedos humanos. Mas o mais estranho eram suas cabeças, que apresentavam contornos que violariam todos os princípios biológicos de que temos conhecimento. A nada tais coisas poderiam ser comparadas com adequação — e em um único lance pensei em comparações tão diversas quanto com o gato, o sapo-boi, o mítico Sátiro e o ser humano. Nem o próprio Jove teria tido uma fronte tão colossal e protuberante, para não falar dos chifres, da ausência de narizes e das mandíbulas de crocodilos que

extrapolavam quaisquer categorias estabelecidas. Por um momento, hesitei acerca da realidade das múmias, quase suspeitando que fossem ídolos artificiais; mas logo decidi que eram de fato alguma espécie paleológica que teria vivido quando a cidade sem nome ainda pulsava. Coroando seu grotesco, muitas delas estavam envolvidas, de modo bizarro, em um tecido refinado, bem como abundantemente adornadas com enfeites de ouro, jóias e metais lustrosos e desconhecidos.

A importância dessas criaturas rastejantes deve ter sido imensa, pois ocupavam o primeiro lugar entre os desenhos impressionantes dos afrescos, nas paredes e no teto. Com arte inigualável, o artista as havia representado em seu próprio mundo, no qual possuíam cidades e jardins proporcionais às suas dimensões; e eu não podia senão pensar que sua história ali pintada fosse alegórica, provavelmente aludindo ao progresso da raça que as adorou. Essas criaturas — eu disse a mim mesmo — foram para os homens da cidade sem nome aquilo que a loba teria sido para Roma, ou o que algum animal totêmico é para uma tribo indígena.

Com essa perspectiva em mente, pude discernir, por alto, um épico maravilhoso da cidade sem nome — a história de uma poderosa metrópole à beira-mar que regeu o mundo antes que a África emergisse das ondas, e das suas lutas quando o mar recuou e o deserto invadiu o vale fértil em que se situava. Vi as suas guerras e os seus triunfos, as suas dificuldades e derrotas, e posteriormente a sua terrível luta contra o deserto, quando milhares de seus habitantes — ali representados alegoricamente pelos répteis grotescos — foram obrigados a abrir caminho, de algum modo maravilhoso, escavando através das rochas

em direção à um outro mundo do qual os seus profetas lhes falaram. Tudo era vividamente estranho e realístico, e sua conexão com a tremenda descida que eu fizera me pareceu insofismável. Até mesmo reconheci as passagens.

Quando me arrastei pelo corredor em direção à luz mais brilhante, pude ver mais alguns estágios do épico pictórico — a partida da raça que habitara a cidade sem nome e o vale ao redor durante dez milhões de anos; a raça cujas almas se oprimiram ao deixar aqueles cenários que seus corpos conheciam há tanto tempo, onde tinham se estabelecido como nômades na juventude da terra, perfurando na rocha virgem aqueles santuários primitivos nos quais jamais tinham cessado de adorar. Agora que a luz era melhor, estudei as pinturas mais detidamente e, lembrando que os répteis estranhos deviam representar os homens desconhecidos, pus-me a cogitar acerca dos costumes da cidade sem nome. Muitas coisas eram peculiares e inexplicáveis. A civilização, que incluía um alfabeto escrito, aparentemente havia se erguido até uma ordem mais alta do que as civilizações imensuravelmente mais tardias do Egito e da Caldeia; e, no entanto, havia curiosas omissões. Não pude, por exemplo, encontrar pinturas que representassem mortos ou costumes fúnebres, a não ser aqueles relacionados a guerras, violência e pragas; e me espantei com tal reticência no que concerne à morte natural. Era como se um ideal de imortalidade tivesse sido disseminado como uma ilusão alentadora.

Mais perto do final da passagem, havia representações extremamente pitorescas e extravagantes: visões contrastadas da cidade sem nome, em seu

crescente abandono e ruína, e do estranho e novo reino de paraíso em direção ao qual a raça havia aberto seu caminho através da rocha. Nessas visões, a cidade e o vale deserto eram mostrados sempre à luz da lua, nimbos dourados a pairar sobre os muros desmoronados e a revelar um pouco da perfeição esplêndida dos tempos anteriores, que o artista retratara de modo espectral e elusivo. As cenas paradisíacas eram demasiado extravagantes para merecer crédito, exibindo um mundo escondido de eterno dia, repleto de cidades gloriosas, colinas e vales etéreos. Próximo ao fim, pensei entrever sinais de um anticlímax artístico. As pinturas eram menos elaboradas e bem mais estranhas, até mesmo do que as mais loucas das cenas anteriores. Pareciam recordar uma decadência lenta da estirpe ancestral, de par com uma crescente ferocidade contra o mundo exterior, do qual fora repelida pelo deserto. As formas das pessoas – sempre representadas como répteis sagrados – pareciam estar se extinguindo devagar, conquanto seu espírito, conforme mostrado ali, pairando sobre as ruínas ao luar, ganhava proporções. Sacerdotes emaciados, figurados como répteis em túnicas enfeitadas, amaldiçoavam o ar lá em cima e todos os que o respiravam; e a terrível cena final exibia um homem de aspecto primitivo, talvez um pioneiro da antiga Irem, a Cidade dos Pilares, sendo despedaçado por representantes da raça mais velha. Lembrei-me de como os árabes temiam a cidade sem nome, e alegrei-me em constatar que, para além daquele ponto, as paredes cinzentas e o teto não estavam cobertos.

Enquanto observava o desfile da história mural, aproximei-me bastante do final do vestíbulo de teto

baixo, e me deparei com um corredor através do qual provinha toda a iluminação fosforescente. Engatinhando até ele, um espanto transcendental me fez gritar perante o que jazia mais à frente, pois, em vez de outras câmaras mais brilhantes, havia apenas um vazio ilimitado de fulgurância uniforme, tal como o que se poderia imaginar olhando a partir do pico do monte Everest, por sobre um mar de névoa iluminada pelo sol. Atrás de mim havia uma passagem tão estreita que, nela, eu não podia ficar de pé, e à minha frente havia um infinito de refulgência subterrânea.

Conduzindo da passagem para dentro do abismo, havia o topo de um lance íngreme de degraus — numerosos e pequenos degraus, semelhantes àqueles das passagens escuras que eu atravessara — mas, após alguns pés, o vapor brilhante ocultava tudo o mais. Totalmente aberto e encostado à parede esquerda da passagem havia um portão de bronze maciço, incrivelmente grosso e decorado com baixos-relevos fantásticos, o qual, fechado, poderia isolar dos nichos e passagens abertas na rocha todo aquele mundo de luz interior. Olhei para os degraus e, por um instante, não ousei explorá-los. Apalpei a porta aberta de bronze e não consegui movê-la. Então desabei de pronto sobre o piso de pedra, com minha mente incendiada por reflexos prodigiosos que nem mesmo uma exaustão de quase morte poderia acalmar.

Enquanto permaneci quieto, de olhos fechados, livre para ponderar, muitas das coisas que eu notara de passagem nos afrescos me voltaram à mente, com nova e terrível significação — cenas representando a cidade sem nome em seu auge, as vegetações ao seu redor, e as terras

distantes com as quais os seus mercadores comerciavam. A alegoria das criaturas rastejantes me intrigava pela sua proeminência universal, e eu me espantava de que pudesse preponderar assim em uma história pictórica de tal importância. Nos afrescos, a cidade sem nome fora mostrada em proporções adequadas aos répteis. Imaginei quais teriam sido suas proporções e magnificência reais, e refleti por um momento sobre certas singularidades que havia reparado nas ruínas. Pensei, particularmente, na baixa altura dos templos primevos e do corredor subterrâneo, que tinham sido escavados desse modo em deferência às divindades reptilianas que ali se honravam, mesmo que, forçosamente, obrigassem os adoradores a rastejar. Talvez os próprios ritos aqui envolvessem a idéia de rastejar, em uma imitação às criaturas. Nenhuma teoria religiosa, porém, poderia explicar sem dificuldade por que as passagens de nível, naquela descida assombrosa, eram tão baixas quanto os templos — ou mais baixas até, já que nelas não se podia sequer ajoelhar. Quando pensei nas criaturas rastejantes, cujas formas hediondas e mumificadas jaziam tão próximas de mim, senti uma nova pontada de medo. Associações mentais são curiosas, e assim recuei frente à noção de que, exceto pelo pobre homem primitivo, despedaçado na última pintura, a minha era a única forma humana em meio a tantas relíquias e símbolos da vida primordial.

Mas, como sempre, na minha existência estranha e andarilha, o espanto logo banuiu o medo, pois o abismo luminoso e o que ele continha me propunham um problema digno do maior dos exploradores. De que um mundo estranho de mistério jazia ao fundo daquele lanço de degraus particularmente pequenos, eu não podia

duvidar, e esperava mesmo encontrar lá aquelas lembranças humanas que o corredor pintado não lograra oferecer. Os afrescos tinham retratado cidades inacreditáveis e vales neste reino subterrâneo, e minha fantasia se demorava nas ruínas ricas e colossais que me aguardavam.

Meus medos, com efeito, diziam respeito mais ao passado do que ao futuro. Sequer o horror físico de minha posição naquele corredor estreito de répteis mortos e de afrescos antediluvianos, milhas abaixo do mundo que eu conhecia, confrontado por um outro mundo de luz e névoa arrepiante, nada disso poderia comparar-se ao pavor letal que eu senti frente à antiguidade abissal da cena e seu espírito. Uma antiguidade tão vasta que não se pode mensurar parecia espreitar embaixo, a partir das pedras primevas e dos templos escavados da cidade sem nome, enquanto o último dos mapas espantosos dos afrescos figurava oceanos e continentes que o homem esqueceu, com apenas, aqui e ali, alguns contornos vagamente familiares. O que poderia ter acontecido nas eras geológicas desde que as pinturas cessaram e, entre ressentimentos, a raça odiadora da morte sucumbira à decadência, ninguém o poderia dizer. A vida por uma vez fervilhara nessas cavernas e no reino luminoso logo abaixo; mas agora eu me achava sozinho em meio às relíquias vívidas, tremendo ao pensar nas eras incontáveis ao longo das quais essas relíquias mantiveram sua vigília silenciosa e erma.

Súbito, sobreveio outro daqueles assomos de medo agudo que tinham se apossado de mim, intermitentemente, desde que eu vira pela primeira vez o

vale terrível e a cidade sem nome sob a lua gélida; e, não obstante a minha exaustão, vi-me tentando, freneticamente, assumir uma postura sentada e olhando para trás, através do corredor escuro, em direção aos túneis que conduziam ao mundo exterior. Minhas sensações eram semelhantes àquelas que me levaram a temer à noite a cidade sem nome, e eram tão inexplicáveis quanto pungentes. Em outro momento, no entanto, recebi um choque ainda maior, que veio na forma de um som definido — o primeiro a romper o silêncio daquelas profundezas sepulcrais. Era um gemido profundo, baixo, tal como um vagido distante de espíritos condenados, e vinha do lado para o qual eu olhava. Seu volume cresceu rapidamente, até que logo ressoou, de modo amedrontador, através da passagem baixa; e ao mesmo tempo tomei consciência de um sopro crescente de ar, fluindo igualmente dos túneis e da cidade lá no alto. O toque desse ar pareceu restituir meu equilíbrio, pois de imediato me lembrei dos haustos súbitos que se levantavam em torno à entrada do abismo a cada anoitecer e amanhecer, um dos quais, de fato, me havia relevado os túneis escondidos. Olhei meu relógio e vi que o amanhecer estava próximo; então me firmei para resistir à rajada que soprava para dentro, rumo ao seu lar cavernoso, tal como soprava para fora ao anoitecer. Meu medo, novamente, esmoreceu, porquanto um fenômeno natural tende a dispersar as apreensões acerca do desconhecido.

O vento noturno, loucamente uivante e gemebundo, jorrou mais e mais através da abertura, para dentro da terra. Ergui-me de novo e em vão tentei me agarrar ao piso, com receio de ser arrastado através do

portão para o abismo fosforescente. Por tamanha fúria eu não esperara; e, quando tomei consciência de que meu corpo de fato começava a escorregar em direção ao abismo, fui invadido por milhares de terrores novos, oriundos da apreensão e da imaginação. A malignidade do sopro despertava fantasias incríveis; mais uma vez, comparei-me, trêmulo, à imagem humana que vira naquele corredor pavoroso, isto é, ao homem despedaçado pela raça sem nome, pois que no arrasto feérico das correntes giratórias parecia haver uma fúria vingativa, tanto mais forte porque era amplamente impotente. Creio ter gritado freneticamente próximo ao fim – eu estava quase louco – mas, se o fiz, meus gritos se perderam na babel infernal de ventos furiosos e uivadores. Tentei me arrastar contra a torrente invisível, porém mal podia me manter enquanto era empurrado lenta e inexoravelmente em direção ao mundo desconhecido. Por fim, a razão deve ter se rompido, pois comecei a balbuciar, seguidamente, aquele dístico inexplicável de Al-Hazred, o árabe louco, que sonhou com a cidade sem nome:

*Morto não é quem pode eterno se fazer,
E com estranhos éons pode a morte morrer.*

Somente os deuses soturnos e mudos do deserto sabem o que realmente aconteceu – que lutas e contorções indescritíveis suportei, ou que Abaddon me guiou de volta à vida, onde deverei para sempre me lembrar e tremer, sob o vento noturno, até que o esquecimento – ou algo pior – me carregue. Monstruosa, antinatural, colossal foi a coisa – muito

para além de quaisquer idéias humanas para ser acreditada, exceto nas horas breves, silenciosas e desgraçadas da manhã, quando não se pode dormir.

Eu disse que a fúria da rajada veloz fora infernal – arquidemoníaca – e que suas vozes eram hediondas, com a viciosidade reprimida de eternidades desoladas. Naquele momento, tais vozes, enquanto ainda soavam em um caos ao meu redor, pareceram, ao meu cérebro convulso, adquirir uma forma articulada atrás de mim; e, lá embaixo, no túmulo das antiguidades mortas há inumeráveis éons, léguas abaixo do mundo amanhecendo dos homens, ouvi o amaldiçoar e o rosar fantasmagórico de demônios cuja língua era ignota. Voltando-me, percebi, recortado contra o éter luminoso do abismo, o que não podia ser visto sob a penumbra do corredor: uma horda pesadelar de demônios em movimento – distorcidos pelo ódio, grotescamente paramentados, demônios meio transparentes de uma raça que homem nenhum poderia confundir: os répteis rastejantes da cidade sem nome.

E, quando o vento esmoreceu, fui compelido para dentro da escuridão fantasmática nas entranhas da terra; pois, atrás da última das criaturas, a grande porta de bronze se fechou, em um estrondo, com um estardalhaço ensurdecedor de música metálica, cujas reverberações repercutiram lá fora, no mundo distante, para saudar o sol nascente, tal como Memnon o saúda desde as margens do Nilo.